VISÃO DO CORREIO

O alerta do sarampo que vem dos EUA

Doenças que a medicina aprendeu a evitar não desaparecem. Ficam à espera de uma brecha. Na última terça-feira (17), a Organização Pan-Americana da Saúde (Opas) confirmou que os Estados Unidos perderam o status de país livre da circulação do sarampo, reconhecido desde 2000. México e Bolívia também perderam. A razão é a mesma nos três países: o vírus circulou sem interrupção por mais de 12 meses. Só nos Estados Unidos, há mais de 5 mil casos confirmados neste ano, com mortes registradas, e as Américas somam mais de 58 mil casos e 82 mortes.

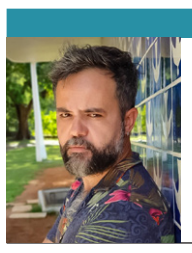
A notícia é ruim para o continente inteiro. A região foi a primeira do mundo a eliminar a doença e havia recuperado o status em 2024. O retrocesso atinge a maior economia do planeta, com recursos, vacinas e vigilância de sobra, e mostra que a eliminação não é uma conquista definitiva. Ela depende de manter, ano após ano, a cobertura vacinal acima de 95%, e basta que ela caia em comunidades e regiões específicas para que o vírus encontre espaço. O sarampo é uma das doenças mais contagiosas que existem e pode provocar pneumonia, cegueira, encefalite e morte, principalmente em crianças pequenas.

O Brasil continua livre da circulação endêmica, status que a Opas voltou a reconhecer nesta semana. O risco, porém, é concreto. O país registra 70 casos confirmados em 2026, todos importados ou ligados a casos importados, com focos em São Paulo, no Amazonas, no Rio de Janeiro e no Acre. A Bolívia, que faz fronteira com o Brasil, perdeu o status. Brasileiros viajam aos Estados Unidos e ao México, estrangeiros chegam todos os dias, e a temporada de viagens de fim de ano se aproxima. O Ministério da Saúde alertou para o risco de reintrodução do vírus e apontou a existência de bolsões de pessoas sem proteção, resultado da hesitação vacinal e de falhas de cobertura em várias regiões.

O Brasil sabe o que custa e o que rende combater o sarampo. Em 1992, numa campanha nacional que durou pouco mais de um mês, mais de 48 milhões de crianças e adolescentes foram vacinados, com cobertura de 96%. Os casos caíram de cerca de 43 mil em 1991 para menos de 8 mil em 1992. Campanhas nos anos seguintes mantiveram a pressão sobre o vírus, o país interrompeu a transmissão e recebeu, em 2016, a certificação de eliminação. A história também mostra a fragilidade do ganho. Em 1997, a falta de manutenção da cobertura alta possibilitou nova epidemia, com mais de 50 mil casos. Em 2019, num cenário de baixa cobertura, o país teve mais de 20 mil casos e perdeu a certificação, recuperada só em 2024, depois de outro grande esforço. Recuperar o que se perdeu custa mais caro do que manter o que se tem.

A resposta está ao alcance de todos. A vacina tríplice viral é gratuita no SUS, e quem tem filhos com a caderneta incompleta, ou adultos que não sabem se foram vacinados, deve procurar um posto de saúde, principalmente antes de viajar. Governos e prefeituras precisam manter a cobertura acima de 95% em todos os municípios, e não só na média nacional, reforçar a busca ativa de pessoas não vacinadas, a vigilância de casos suspeitos e o combate à desinformação sobre vacinas. Escolas, profissionais de saúde e imprensa têm papel nessa tarefa.

A geração que organizou a campanha de 1992 livrou o país de uma enfermidade que adoecia e hospitalizava crianças todos os anos. A tarefa de agora é menos épica e igualmente decisiva: manter o que foi conquistado. O caso dos Estados Unidos deve servir de aviso ao Brasil, para que o país não repita, depois de tanto esforço, um caminho que já percorreu e do qual já saiu.



PATRICK SELVATTI
patrickselvatti.df@correio.cbnet.com.br

A cor mais barata

Novembro tem uma ironia cruel no Brasil. Enquanto o comércio se prepara para a Black Friday, com vitrines cobertas de promessas de descontos, o país celebra o Dia da Consciência Negra. De um lado, a mercadoria ganha destaque, e tudo parece negociável. Do outro, somos convidados a lembrar uma história em que seres humanos foram transformados em mercadoria, avaliados pela força dos braços e pela cor da pele.

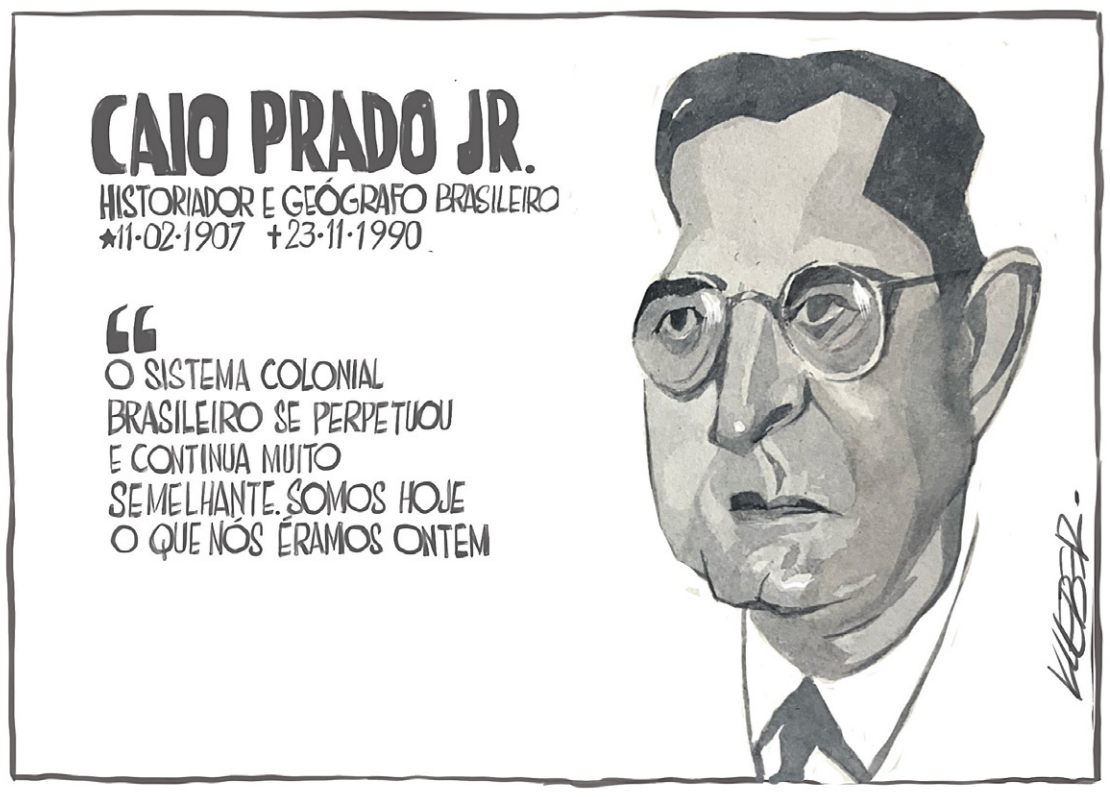
A expressão "a carne mais barata do mercado", imortalizada por Elza Soares, nunca pareceu tão incômoda diante desse contraste. Não se trata de confundir consumo com escravidão só por causa de uma nomenclatura, mas de reconhecer que, em um país que construiu parte de sua riqueza sobre o trabalho escravizado, a desvalorização da vida negra não acabou com a assinatura de uma lei. Mudaram as vitrines e os discursos, mas permaneceram as desigualdades que determinam quem tem acesso às oportunidades, quem ocupa o poder e quem paga o preço mais alto por existir.

As estatísticas mostram que trabalhadores brancos recebem quase o dobro dos pretos e pardos. Embora representem a maioria da população ocupada, pretos e pardos ocupam pouco mais de um quarto dos cargos gerenciais. A maioria trabalha, mas não decide; produz riqueza, mas não participa dela na mesma medida.

Essa desigualdade também atravessa o imaginário coletivo. Basta olhar para a teledramaturgia, um dos maiores instrumentos de construção de referências culturais do país. Historicamente, artistas negros eram destinados a papéis de empregados, escravizados, motoristas, cozinheiras ou criminosos, quase sempre para servir à trajetória de protagonistas brancos. A televisão que dizia espelhar o Brasil mostrava um país muito mais branco do que o real. Mesmo nomes como Zezé Motta, Ruth de Souza, Léa Garcia, Chica Xavier, Grande Otelo e Milton Gonçalves enfrentaram um mercado que os confinava a personagens subalternizados — como se a cor da pele determinasse até onde poderiam representar a experiência humana.

Foi preciso esperar até o século 21 para Taís Araújo, Camila Pitanga e Lázaro Ramos se tornarem os primeiros protagonistas negros de uma novela da TV Globo. Duas décadas depois, a presença de nomes como Sheron Menezzes, Samuel de Assis, Duda Santos, Jéssica Ellen, Fabrício Boliveira, Gabz, Ronald Sotto e Humberto Morais, por exemplo, sinaliza uma transformação importante. Personagens negros passam a protagonizar romances, conflitos familiares e dramas profissionais sem que o racismo precise ser o tema central.

É uma mudança a ser celebrada, mas não confundida com superação. A representatividade ainda enfrenta estereótipos que associam negritude à pobreza, à violência e à subalternidade. A Black Friday, obviamente, não é responsável por isso. O problema é o país que transforma tudo em negócio, mas ainda não reconhece o valor de uma parcela majoritária de sua população. A consciência racial não pode ser promoção sazonal. Produtos têm etiquetas, preços e condições de pagamento. Mas as vidas humanas não deveriam precisar provar seu valor.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. **E-mail:** *sredat.df@dabr.com.br.* O **Correio** reserva-se o direito de resumir os textos enviados.

Hecatombe climática

O Brasil, na COP31, realizada na Turquia, mostra aquilo que se espera: a liderança em assuntos climáticos e de meio ambiente. A sua insuficiência é que, apesar de deter por volta 90% de energia limpa, o país não consegue se libertar de uma infraestrutura e de uma logística. Com toda postura de um país ecológico, ainda depende do diesel e do gás para mover o grande transporte terrestre. O mapa de caminho, que percorre toda a trajetória das COPs, desde aquela do Rio de Janeiro em 1992, está demonstrando que países ricos, como Rússia, China e até EUA, ainda se utilizam do carvão como energia e de outras energias fósseis. Não estão interessados em financiar pesquisas nessa área. É preciso sensibilizá-los. É hora de o Brasil aproveitar as oportunidades e ajudar o mundo na salvação de uma hecatombe.

» **Enedino Corrêa da Silva**
Asa Sul

Garis

Moro no Lago Sul. Há anos, todas as quartas e todos os sábados converso com as garis que cuidam do conjunto em que resido e, ocasionalmente, as ajudo e as presenteio em datas especiais. Quero agradecer ao **Correio**, que leio todos os dias, assinante que sou, o presente dado a mim e a todos os leitores pela publicação do excepcional crônica de amor e respeito aos garis, de autoria do jornalista, professor e escritor Paulo José Cunha. Veiculado no Dia da Consciência Negra, que o jornalista, com seu belo texto, transformou no dia da solidariedade, do respeito, do amor ao próximo e tudo o mais que se quiser dizer sobre o trabalho desses nossos irmãos e nossas irmãs garis. Parabéns ao **Correio Braziliense**. Parabéns ao Paulo José Cunha. Parabéns aos garis. Salve, salve a dignidade humana.

» **Roberto Nogueira Ferreira**
Lago Sul

Vaidade patológica

Reconheço, antecipadamente, que não tenho formação acadêmica em psicologia ou filosofia, para fazer uma análise comportamental. Mas Donald Trump, por suas atitudes e declarações, parece facilitar bastante esse exercício. Ao retornar aos Estados Unidos, ao discorrer sobre o encontro com Xi Jinping e Putin, expôs novamente traços de um narcisismo exacerbado: o deslumbramento com o tapete vermelho estendido por Xi, a necessidade de transformar homenagens em vitórias pessoais e, sobretudo, a aparente intimidação diante do poderio chinês, a ponto de alardear a criação de inúmeras fábricas de mísseis. Houve muita pompa, fotografias e exaltação pessoal, mas quase nenhum avanço concreto. No fim, Xi e Putin ganharam projeção; Trump, mais uma vez, confundiu protagonismo com resultado diplomático.

» **Marcus Aurelio de Carvalho**
Santos (SP)

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Alô, Detran. Por que os semáforos do Setor Comercial Sul e Norte não ficam intermitentes nos fins de semana e nos feriados? A gente vê engarrafamento de um lado, e, no outro sentido, zero carro.

Sebastião Machado Aragão — Asa Sul

Na teoria, a COP discute o futuro da humanidade. Na prática, algumas potência parecem mais preocupadas em salvar seus barris de petróleo do que as próximas gerações.

Jafe Sateré — Amazonas

Totalmente estúpida a ideia de limitar os gastos com saúde na declaração do Imposto de Renda. Pimenta nos olhos dos outros é colírio.

Paulo R. Souza — Brasília

Venda ilegal de canetas para emagrecer: cuidado, você pode virar, literalmente, uma caveira.

Abrahão F. do Nascimento — Águas Claras

» correiobraziliense.com.br

ARTIGO

Em "Câncer de pulmão como prioridade de política pública no Brasil", Gustavo Prado, presidente da Aliança Brasileira de Combate ao Câncer de Pulmão e membro da Sociedade Brasileira de Pneumologia e Tisiologia (SBPT), articula por que o enfrentamento à doença não pode depender de respostas desarticuladas. Confira no site do **Correio**.

PODCAST DO CORREIO

Confira os mais recentes episódios do podcast que reúne jornalistas do **Correio** e convidados especiais em um bate-papo sobre política e os assuntos mais relevantes do momento.

Aponte a câmera e confira o vídeo na íntegra

CORREIO BRAZILIENSE

"Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara"
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R$ 5,00	R$ 7,00

ASSINATURAS*
SEG a DOM
R$ 1.187,88
360 EDIÇÕES
(promocional)

Assine
(61) 3342.1000 – Opção 01 ou (61)99966.6772 Whatsapp

*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.

Consulte a Central de Relacionamento **(3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp,** para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anuncie
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.

Endereço na Internet: http://www.correioweb.com.br
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press.
Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo – CEP: 70610-901 – Brasília – DF, de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/ sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 /1582/1568.
E-mail: *dapress@dabr.com.br* Site: *www.dapress.com.br*